

A COMPREENSÃO DE TEXTO NA ESCOLA E NA FAMÍLIA

Juliana Oliveira de Santana Novais (UEMS)

julianasnovais@gmail.com

Maria Leda Pinto (UEMS)

leda@uems.br

1. Introdução

Leitor é aquele capaz de compreender um texto, relacioná-lo com outros textos já lidos, ou com fatos guardados na memória, perceber a intenção do autor, conseguir sintetizar e recontá-lo com suas próprias palavras expressando suas opiniões sobre o texto. Nas palavras de Lajolo (1982),

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1982a, p. 59).

Para chegar à compreensão do texto, é preciso, portanto, ativar o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo. Dessa perspectiva, é possível afirmar que a leitura implica em uma atividade de procura pelo leitor no conhecimento prévio, por meio de suas lembranças, pois é por meio das recordações que se encontram pistas e caminhos para o entendimento do texto. Como diz Solé (1998, p. 71), “para o leitor poder compreendê-lo, o texto em si deve se deixar compreender e o leitor deve possuir conhecimentos adequados para elaborar uma interpretação sobre ele”.

Entretanto, alguns estudiosos defendem que para que essa compreensão se efetive, é preciso que quem lê utilize uma série de estratégias de leitura e tenha conhecimento do código linguístico utilizado no texto. Dentre esses estudiosos estão Colomer e Camps (2000), Marcuschi (2001) e Solé (1998).

Dessa maneira, podemos constatar a existência de inúmeras estratégias para que se forme um leitor crítico e proficiente. Um leitor capaz de se utilizar de estratégias para compreender um texto, mesmo que não as utilize deliberadamente, pois, segundo sugerem os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* – PCN (2001), as estratégias de leitura compreendem:

[...] um amplo esquema para obter, avaliar e utilizar informações. As estratégias são um recurso para construir significado enquanto se lê. Estratégias de seleção possibilitam ao leitor se ater apenas aos índices úteis, desprezando os irrelevantes; de antecipação permitem supor o que ainda está por vir, de inferência permitem captar o que não está dito explicitamente no texto e de verificação tornam possível o “controle” sobre a eficácia ou não das demais estratégias. O uso dessas estratégias durante a leitura não ocorre de forma deliberada a menos que, intencionalmente, se pretenda fazê-lo para efeito de análise de processo. (PCN, 2001, p. 53).

Assim, Colomer e Camps (2000, p. 81) sugerem algumas estratégias para melhorar o desempenho do aluno na compreensão dos sentidos de um texto: dar um papel mais ativo para os alunos na elaboração do significado; utilizar formas gráficas de representação; mostrar aos alunos como fazer por meio de exemplos práticos; aguçar a sensibilidade às incoerências do texto; utilizar de discussões coletivas; ajudar a introduzir orientações a serem seguidas e por fim ajudar a relacionar compreensão com a produção de texto.

Marcuschi (2001, p. 56) complementa as sugestões dos autores, recomendando as seguintes sugestões para a compreensão de textos:

- Identificação das proposições centrais do texto;
- Perguntas e afirmações inferências;
- Tratamento a partir do título;
- Produção de resumos;
- Reprodução do conteúdo do texto num outro gênero textual;
- Reprodução do texto na forma de diagrama;
- Reprodução do texto oralmente;
- Trabalhos de revisão da compreensão;

Além desses autores, Solé (1998, p. 73) considera que os alunos diante de um texto devem

- Compreender os propósitos da leitura: O que devo ler? Por quê? De que me servirá?
- Colocar na leitura seus interesses e suas motivações, assim como seus conhecimentos prévios: O que sei pode me ajudar a compreender o que vou ler?
- Focalizar o que é importante, levando em conta os propósitos que orientam a leitura: Qual a informação essencial que o texto traz? Qual posso considerar que é pouco relevante?

- Avaliar a consistência interna do texto, sua adequação ao conhecimento prévio e o grau em que responda às expectativas geradas: Este texto tem sentido? Suas ideias são coerentes?
- Comprovar em que medida vão compreendendo o texto, mediante a recapitulação, a revisão e a indagação: Qual é a ideia principal neste parágrafo? Posso reconstruir a linha de argumentação?
- Elaborar e tentar inferências de diferentes tipos, como interpretações, hipóteses e antecipações e conclusões: Qual poderia ser a solução do problema que se coloca aqui? O que posso extrair do que li? Qual poderia ser o significado desta palavra?

O uso dessas estratégias é que permite ao leitor controlar a leitura, tomar decisões perante as dificuldades de compreensão buscar as comprovações dentro do texto, verificando se o que se leu foi compreendido.

Diante das reflexões desses autores, podemos dizer que um dos papéis da escola e da família, no aprendizado da leitura pelos alunos, é o encaminhamento do ato de ler. Uma vez que essa atividade educativa faz parte do currículo escolar, o dever de inserir os alunos e os filhos no universo dos textos que circulam na sociedade e oferecer condições para que os mesmos possam colocar a leitura em prática, criando condições favoráveis para o aprendizado é compromisso da escola, bem como o é da família.

2. A escola na formação do leitor proficiente

A escola é uma das instituições responsáveis por viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos, ensinar a produzir e a interpretá-los, incluindo os mais variados tipos de textos, envolvendo todas as disciplinas, com as quais o aluno se defronta em seu cotidiano.

Dessa forma, o livro, a leitura e a compreensão de textos estão presentes nas propostas e/ou orientações curriculares das secretarias de educação da maioria dos municípios e estados brasileiros. Dentre esses municípios está Campo Grande que elaborou, distribuiu e colocou em execução – entre as escolas públicas municipais, no ano de 2012 – um Plano Municipal do Livro e Leitura de Campo Grande – MS – PMLL – que visa incentivar os projetos de leitura e divulgar sua importância. Como o próprio documento define, “a leitura é um meio de obter a transformação social e a construção de uma cidadania plena voltada para os direitos humanos” (PMLL/CG, 2012, p. 19), validando, dessa forma, a extensão do livro e da leitura como fundamentais para a do cidadão ativo

socialmente.

As Orientações Curriculares do Ensino Fundamental do Estado de São Paulo (2007, p. 35) também apresentam as diretrizes para o ensino da leitura e da escrita e a sua importância social:

A tarefa da escola é assegurar a condição básica para o uso da língua escrita, isto é, a apropriação do sistema alfabético, que possibilita aos estudantes ler e escrever com autonomia. Mas é também introduzi-los na cultura escrita, isto é, criar as condições para que possam conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade e, progressivamente, ampliar suas possibilidades de participação nas práticas sociais que envolvem a leitura e a produção de textos. O desafio é, portanto, alfabetizar em um contexto de letramento. Tanto os saberes sobre o sistema de escrita como aqueles sobre a linguagem escrita devem ser ensinados e sistematizados.

Em face do exposto, podemos ressaltar que o objetivo do ensino da leitura “consiste em ajudar os alunos a alcançarem as cotas mais elevadas de autonomia, que lhes permitam dirigir e regular a própria aprendizagem sem a presença de um tutor.” (SOLE, 1998), ou seja, poder interagir com o conhecimento e ser participante da construção desse mesmo conhecimento e da transformação social.

Dessa forma, Lígia Chiappini (1997) cita que

[...] conceber o texto como unidade de ensino/aprendizagem é entendê-lo como um lugar de entrada para este diálogo com outros textos, que remetem a textos passados e que farão surgir textos futuros. Conceber o aluno como produtor de textos é concebê-lo como participante ativo deste diálogo contínuo com textos e leitores.

Para a autora, é por meio dos textos que alunos e professores se confrontam com saberes e conhecimentos. No entanto, na maioria das escolas, infelizmente o que predomina é uma determinação hierárquica, que dita, verticalmente, as normas a serem seguidas tanto pelos alunos como pelos professores que são obedecidas. Procura-se por meio de uma disciplina rígida, reduzir o aluno a um ser passivo, sem que haja vazão de críticas de um discurso pessoal que implica numa leitura mais analítica do mundo. Defendemos a ideia de um professor mediador, um professor que ajude os alunos a alcançarem as metas estabelecidas por meio da interação social entre professor-aluno, aluno-aluno.

Infelizmente, dentro das salas de aula, o livro didático é a “mula” de vários professores que se apoiam nele e não conseguem se mover em sua ausência. Eles apenas emprestam a sua voz a um discurso alheio. Chiappini (*op. cit.*) completa dizendo que “o ensino, via de regra, torna-

se um sistema em que o aluno se vê obrigado a consumir compulsoriamente informações distantes de sua realidade”.

No entanto, é sabido que a finalidade do trabalho com a leitura é a formação de leitores competentes, sendo o ato de ler um processo no qual o leitor realiza um trabalho de construção de significados do texto, utilizando-se de recursos como seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, sobre a língua. Compreender um texto não se trata apenas de extração das informações, não é um trabalho de decodificação. “Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita.” (PCN, 2001, p. 53). Nesse contexto, as escolas devem ensinar o maior número possível de estratégias para que os alunos possam compreender o que estão lendo e permaneçam motivados no exercício da leitura. Devem ofertar diferentes textos, para que os alunos possam ampliar o conhecimento de mundo, linguístico e textual. O professor deve estimular o uso das estratégias, o conhecimento prévio mostrando para os alunos leitores a importância que existe para a compreensão entre o conhecimento de mundo, suas experiências vividas e o texto. Desse modo, “conectar o que os leitores sabem para a nova informação é o núcleo do aprendizado e entendimento.” (HARVEY & GOUDVIS 2008, *apud* GIROTTO & SOUZA, 2010, p. 55).

Uma das dúvidas que pode surgir quanto ao ensino das estratégias é a de qual devo ensinar primeiro, em segundo, em terceiro e assim por diante. Ora, não existe uma ordem, e sim a autonomia do pensar as leituras. Os alunos devem ter consciência das estratégias, eles devem saber quais utilizarem e quando utilizarem.

A partir das colocações feitas, é imprescindível admitir que, gradativamente, o trabalho com a linguagem nas escolas vem sendo caracterizado pela presença de textos, no entanto, o tratamento dado ao estudo desses textos ainda tem sido objeto de constantes discussões.

Neste sentido, Geraldí (1993, p. 106), ao buscar caracterizar as práticas de leitura, considera que dentro das escolas são abordadas diferentes maneiras de inserção, mesmo sendo o ensino gramatical de maior relevância, o texto mantém seu modelo. O autor cita três destes modelos que são:

- o objeto de leitura vozeada; o professor lia o texto em voz alta, depois chamava-se aluno por aluno para ler partes do texto. O parâmetro adotado como forma de escolher o melhor leitor era baseado na leitura do professor, ou seja, aquele que a leitura mais aproximava do professor era o melhor leitor.

- objeto de imitação; o texto era lido como modelo para a produção de texto dos alunos.
- objeto de uma fixação de sentidos: o significado de um texto será aquele que a leitura privilegiada do professor ou do crítico de seu gosto disse que o texto tem.

Geraldi (1993, p. 108) lembra que “estas três formas de inserção do texto na atividade de sala de aula são suficientes para mostrar como tornar *uno* o que, por princípio, poderia levar à pluralidade.”

De acordo com os PCN (2001, p.32) o objetivo das escolas deve ser o de

formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam. A leitura é indispensável, ficando incumbida a escola de oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e prática de leitura eficazes. Não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático de português. É preciso trabalhar com a diversidade textual, pois precisamos de leitores competentes e não simples decodificadores.

Portanto, o papel da escola, segundo Gonçalves (1999, p. 75) é o de

alfabetizar, despertar e estimular o gosto pela leitura, não é menos verdade que lhe cabe, também, a tarefa de transformar seus alunos em leitores críticos, auxiliando o desenvolvimento de espíritos atuantes, capazes de mudar, de algum modo, a sociedade em que vivemos.

Dessa forma, cabe ao professor o trabalho ativo com a leitura de uma diversidade de textos, tanto em sala de aula como nos deveres de casa, instruindo os mesmos para a compreensão efetiva do texto lido por meio do cumprimento de objetivos e metas claros.

O trabalho com a leitura precisa ser visto pelo professor como uma atividade dividida em três etapas: pré-leitura, leitura e pós-leitura. Na pré-leitura, o aluno deve ser preparado para o que encontrará no texto, assim, ele já ativa o conhecimento prévio e a leitura se torna mais fluente. Durante a leitura, cabe ao professor, checar se o aluno entende o vocabulário, e ir fazendo levantamento de hipóteses, o que você acha que vai acontecer? Como será o fim? Já na pós-leitura, é o momento de o professor verificar a compreensão do aluno por meio de atividades escritas ou orais.

Diante disso, é preciso redimensionar o ensino da leitura, uma vez que essa prática ajuda o aluno a ampliar suas experiências e seus conhecimentos. É na escola que os alunos têm a possibilidade de aumentar seus

saberes sobre o mundo de representação e comunicação por meio dos textos. Devemos sempre ter em mente dentro da sala de aula que o texto serve de instrumento de aprendizagem quando a leitura envolve a compreensão. O professor deve ser o mediador entre o ensino e a aprendizagem.

3. A família na formação do leitor proficiente

Na família é que a criança começa a sua construção de identidade, é que começa a ter contato com os prazeres da vida, assim sendo é que a família, como espaço de orientação deve construir o gosto pela leitura por meio de pequenas ações cotidianas como: contar histórias antes dos filhos irem dormir, criar rodas de leitura em casa, presenteá-los com livros, levá-los a bibliotecas ou lojas de livros – que permitam o acesso dos compradores, deixando os folhear os livros. Muitas lojas e bibliotecas promovem a contação de histórias como projetos, e o mais essencial, servindo de modelo de leitores pois, os filhos tendem a imitar os pais em suas ações.

A leitura em casa está relacionada ao prazer, pois neste ambiente a criança tem o direito de escolha, tem a liberdade de escolher o que quer escutar, o que deseja ler, em contraste com a escola, que apresenta situações de leitura mais direcionadas. Esse direito passa a ser posto, pois a leitura perde o caráter de prazer e passa a ser uma forma de acesso à informação onde os livros a serem lidos são escolhidos e decididos pelos professores.

Quando as crianças se iniciam no processo de alfabetização, já possuem certa noção sobre o sistema da escrita e as relações existentes entre ela e a linguagem oral. É o que demonstra Solé (1998, p. 54) ao falar que

em determinados momentos, as crianças consideram que, para ler “algo”, esse algo deve ter um certo número de letras (pelo menos três) e, além disso, essas letras devem possuir certa variabilidade. Também podem pensar que é possível escrever os nomes, que são considerados propriedades do objeto ao qual se referem, mas por esta mesma razão, os artigos e, em certas frases, os verbos, não são palavras e, portanto, não podem ser escritos.

Em suma, no momento em que o aluno aprendiz se vê frente ao código escrito, em muitos casos, não está diante de algo totalmente desconhecido, pois em casa já teve contato com o mesmo.

Logo, podemos ressaltar o importante papel da família no ensino da leitura. Já que é em casa, com a família inserida em uma sociedade letrada, que a criança tem o primeiro contato com a escrita. “O que mais motiva as crianças a ler e escrever é ver os adultos que tenham importância para elas lendo ou escrevendo, assistir à leitura em grupos pequenos ou grandes, tentar e sentir-se aprovadas em suas tentativas.” (SOLÉ, 1998, p. 63)

Cabe à família¹, juntamente com a escola o desenvolvimento do prazer pela leitura e o acesso aos locais de contato com a forma escrita.

Aprender a ler, tal e qual outra atividade, requer que a tarefa a ser executada faça algum sentido para quem vai executá-la, que a pessoa tenha uma capacidade cognitiva adquirida, do auxílio de um professor, da família ou qualquer outra pessoa que faça às vezes de um adulto. Desta forma, o desafio de ler antes visto como intransponível, pode tornar-se prazeroso.

4. Conclusão

Dessa forma, compreender um texto “é um processo complexo em que interagem diversos fatores como conhecimento linguístico, conhecimentos prévios a respeito do assunto do texto, conhecimento geral a respeito do mundo, motivação e interesse na leitura, entre outros.” (FULGÊNCIO & LIBERATO, 2003, p. 13) Sendo assim, é importante que a escola trabalhe com cada um dos fatores mencionados, pois são imprescindíveis para se chegar a uma leitura proficiente. Em outras palavras, faz-se necessário que a escola proporcione uma adequada intervenção para o aluno “desenvolver a capacidade de construir relações e conexões entre os vários nós da imensa rede de conhecimento que nos enreda a todos” (KLEIMAN, 2000, p. 91).

Já a família cabe o papel de apoiar o aluno ajudando a criar um ambiente propício para o desenvolvimento das atividades dadas pela escola e o de inserir o aluno no mundo da leitura iniciando assim o prazer pela leitura.

¹ Vale ressaltar que a família é responsável pelo acesso a outros tipos de leituras que ultrapassam os muros da escola.

Diante do exposto, parece razoável admitir que, a escolha das estratégias de leitura adequadas depende da mediação do professor, pois o tipo de pergunta utilizada pelo mesmo determina se o aluno lê para memorizar ou para inferir, se apenas passa os olhos pela página ou se autoavalia constantemente. Se o professor adotar uma estratégia adequada no tratamento da compreensão de texto, estará ajudando na formação de pessoas mais críticas e capazes perante os textos que recebem para seu uso na vida diária. E com a ajuda da família desenvolver o gosto pelo os livros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quatro ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. 3. ed. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental, 2001.

CAMPO GRANDE. Secretaria Municipal de Campo Grande. *Plano Municipal do Livro e Leitura de Campo Grande – MS*. Campo Grande: Secretaria Municipal de Educação, 2012.

CHIAPPINI, Lígia (Coord.). *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. V. 2. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *Aprender e ensinar com textos não escolares*. V. 3. São Paulo: Cortez, 1997.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FULGÊNCIO, Lucia; LIBERATO, Yara Goulart. *Como facilitar a leitura*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura de textos na escola. In: _____. (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 5. ed. Cascavel: Assoeste, 1993, p. 77- 89.

KLEIMAN, Angela; MORAES, Silvia. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. 2. rep. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2001.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. *Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o ensino fundamental: ciclo I* / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME/DOT, 2007. Disponível em: <[http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/prefeitura_fundi_saopaulo_geral_2007\[1\].pdf](http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/prefeitura_fundi_saopaulo_geral_2007[1].pdf)>. Acesso em: 14-05-2012.

SOLÈ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Trad.: Claudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.